

# O difícil fazer de uma edição crítica de um manuscrito medieval: relato de uma experiência<sup>1</sup>

(Establishing a critical edition of a medieval manuscript:  
a report of a difficult experience \*)

Rosa Virgínia Mattos e Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup>UFBA/CNPq

**Abstract:** Detailed narrative of the author deals with Portuguese medieval manuscripts, larded with aspects of their academic life: the undergraduate program, where she was a student of Nelson Rossi, and produced together, edition and glossary of *O Livro das Aves* (1965); the Master's work, with guidance of Nelson Rossi – reading, critical apparatus and glossary of book 2 of *Os Diálogos de São Gregório*, the life of St Benedict – 1965 (Unb); the Doctoral work, with grant from the Gulbenkian Foundation, in Portugal and Brazil, with guidance from Luís Filipe Lindley Cintra and Isaac Nicolau Salum-ending Edition of 4 books and history of manuscripts – 1971 (USP); the Postdoctoral fellow, with guidance of Celso Cunha – linguistic description of the version A of *Os Diálogos de São Gregório*, which resulted in the book *Estruturas Trecentistas* – 1982 (UFRJ); rise of PROHPOR, the research group that she has founded, in partnership, in 1990 (UFBA).

**Keywords:** Rosa Virginia Mattos e Silva; Testimonial; Historical Linguistics; History of Portuguese language

**Resumo:** Narrativa circunstanciada da vida da autora com manuscritos medievais portugueses, entremeada de aspectos da sua vida acadêmica: o curso de graduação, em que foi aluna de Nelson Rossi, e produziu, em conjunto, a edição e glossário do Livro das Aves (publicado em 1965); o trabalho de Mestrado, com orientação de Nelson Rossi – leitura, aparato crítico e glossário do livro 2 de *Os diálogos de São Gregório*, a vida de São Bento – 1965 (Unb); o trabalho de Doutorado, com bolsa da Gulbenkian, em Portugal e no Brasil, com orientação de Luís Filipe Lindley Cintra e Isaac Nicolau Salum – término da edição dos 4 livros e história dos manuscritos – 1971 (USP); o Pós-doutorado, com orientação de Celso Cunha – descrição linguística da versão A dos Diálogos, que resultou no livro *Estruturas Trecentistas* – 1982 (UFRJ); surgimento do PROHPOR, grupo de pesquisa que fundou, em parceria, em 1990 (UFBA).

**Palavras-chave:** Rosa Virgínia Mattos e Silva; Depoimento; Linguística histórica; História da língua portuguesa

## Introdução

Edição pressupõe interpretação. Daí ser (ou dever ser) o objetivo primeiro de quem edita uma obra o esclarecimento satisfatório da crucial questão pertinente a todo texto literário – a sua polissemia. (CUNHA, 2004, p. 67)

Esta citação está no longo ensaio “Significância e movência na poesia trovadoresca”, publicado antes em vários congressos e mais recentemente em *Tempo brasileiro* (Rio de Janeiro, 1985, Coleção Diagrama, n. 12), e é esse que sua filha, Cilene da Cunha Pereira, publica em *Sob a pele das palavras* (2004), por considerá-lo o ensaio em que Celso Cunha representa uma visão mais completa da questão.

<sup>1</sup> Texto revisto por Sônia Bastos Borba Costa, com a colaboração de Américo Venâncio Lopes Machado Filho (UFBA).

Para Celso Cunha, a “crucial questão” partilhada por todo texto literário é a sua polissemia. E continua Celso Cunha:

Nenhum filólogo digno deste nome teve jamais dúvida do caráter polissêmico das obras literárias que estudou e editou. Principalmente os filólogos medievalistas, habituados a conviver não só com a ambigüidade dos textos religiosos e profanos, mas também com a doutrina dos tratados de retórica e poética em que essa ambigüidade é a todos os momentos ressaltada. (CUNHA, 2004, p. 68)

Outro pressuposto, associado ao aspecto polissêmico, deve estar presente no espírito do editor de um texto medieval. É a sua movência (*mouvance*). Esse conceito está mais relacionado à crítica genética, que implica uma visão *in fieri* (no fazer) da obra, o que não ocorre com os textos do passado, como os arcaicos medievais. Celso Cunha editou *Cancioneiros dos Trovadores do Mar*; em 1945, edita Paay Gómez Charinho; em 1956, *O Cancioneiro de Martin Codax* e, em 1949, *O Cancioneiro de Joan Zorro*, os três reeditados, ampliados e revistos por Elsa Gonçalves, em Lisboa, em 1999, portando 533 páginas.

Continua Celso Cunha, à página 80 da citada obra de 2004: “uma edição crítica reconstrutiva é o coroamento de um paciente trabalho de aproximação do original” e ainda, seguindo D’Arco Silvio Avalle (1972, p. 546), o trabalho do editor “será gravemente incompleto se não for precedido de um conhecimento mais aprofundado do caráter e do significado histórico das compilações”.

Encerrarei este item com dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos. São suas as palavras seguintes:

A obra que – finalmente – vou dar a lume foi planeada e iniciada há mais de um quarto de século no próprio dia em que, hóspeda ainda em tudo quanto se refere à língua, à literatura e à civilização do Portugal antigo, abri pela primeira vez, na Biblioteca da Ajuda, o códice vetusto e venerando que encerra os monumentos primevos da arte lírica peninsular.

Meses felizes e saudosos (de Maio a Setembro de 1877) gastei na empresa de decifrar e copiar, com paixão e paciência essas páginas seis vezes seculares. (Cancioneiro da Ajuda, Ed. crítica e comentada. 1904, p. V, CUNHA, 2004, p. 58)

### **Paixão e paciência: uma narrativa pessoal**

Embora não tenha levado um quarto de século, como dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos com o *Cancioneiro da Ajuda*, muito tempo levei às voltas com manuscritos medievais portugueses.

Saíra em 1956, pelo Instituto Nacional do Livro, mais uma obra do filólogo Serafim da Silva Neto, intitulada *Textos medievais portugueses e seus problemas*. No final do livro havia apenas fac-símiles de manuscritos medievais, entre eles, o *Livro das Aves*.

Em 1961, na quarta série do curso de Letras (Vernáculas, Germânicas e Românicas), Nelson Rossi, professor catedrático de Língua e Filologia Portuguesa, ofereceu-nos três possibilidades de pesquisa – continuar o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, editar o *Livro das Aves* ou estudar a língua dos ciganos em Salvador (havia um acampamento de ciganos no bairro da Calçada). A nossa turma, que não era grande, optou pela edição crítica do *Livro das Aves*. O professor Rossi aceitou nossa proposta. Naquela altura, não havia bolsa

de Iniciação Científica, então começávamos a fazer pesquisa pelo prazer de fazê-la. O professor Rossi nos alertou que nunca tinha feito edição de texto medieval, mas que a pesquisa se faz, fazendo; é como se aprende a nadar, nadando. E assim se fez a edição do *Livro das Aves*.

Como fizemos essa edição? A primeira dificuldade foi desvelar o traçado do gótico francês do manuscrito. A cada aula tínhamos que apresentar ao Professor um fôlio lido e transcrito. Para uns era difícil, para outros, mais fácil. A segunda dificuldade foi a escolha dos critérios editoriais. Para tanto, o grupo fez uma comparação datilografada de edições que havia na biblioteca. Datilografamos em uma folha os critérios de um editor, em outra folha, o de outro, e assim por diante. Colávamos essas folhas com *durex* e o resultado foi um mapa geral das edições que possuíamos. Outra dificuldade, que logo se desfez, foi o desenvolvimento das abreviaturas. Logo se desfez porque as abreviaturas nesse tipo de escrita são muito sistemáticas, restando alguns problemas decorrentes da grafia variável da época, por exemplo: se havia um sinal do tipo < ~ >, deveríamos desenvolver por < -m, -n, -~ > ?. Que fazíamos? Íamos ao texto para verificar se < ~ > sobreposto a uma vogal era mais frequente ou se era desenvolvido por m (ou n ou ~).

Levamos dois anos e meio com o *Livro das Aves*. Feita a leitura crítica, fomos para a “collatio”, ou seja, a comparação entre o texto medieval português e o texto latino, que conseguimos na Biblioteca do Mosteiro de São Bento, em edição do século XIX, da *Patrologia Latina*, de J. P. Migne. Isso permitiu que fizéssemos alguns acréscimos na parte fragmentada do códice. Em 1965 estava o livro publicado pelo Instituto Nacional do Livro, na coleção organizada por A. G. Cunha, intitulada *Dicionário da língua portuguesa – Textos e Vocabulário*. Assim, fizemos também o Glossário do *Livro das Aves* de acordo com as normas de A. G. Cunha.

Em início de 1962, Nelson Rossi foi convidado, dentre outros, para a Universidade de Brasília (UnB), tendo o direito de levar quatro auxiliares para cursar Mestrado e/ou Doutorado. As que se propuseram a ir fomos: Dinah Isensée (depois, Callou), Júlia Fonseca Santos (que faleceu em Besançon, quando fazia seu doutorado), eu e a doutoranda Nadja Andrade. Cada uma escolheu o seu tema de dissertação.

No meu caso, como já tinha trabalhado no *Livro das Aves*, resolvi continuar no mundo de trezentos. Constituiu-se, na Universidade de Brasília, uma grande biblioteca por compra ou doação. Era fácil conseguir microfimes do exterior. Consegui assim microfimes alcobacenses e outros para fazer a edição crítica dos *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*. Assim, tinha em microfimes as versões alcobacenses dos *Diálogos* (Códices XXXVI/181 e XXXVII/182; também o códice alcobacense XXXV/176, em latim, e o de número 73 da Biblioteca Pública Municipal do Porto). Havia também, no Brasil, o manuscrito trecentista de propriedade de Serafim da Silva Neto: cerca de 200 fôlios pergaminháceos que continham o *Livro das Aves*, os *Quatro livros dos Diálogos de São Gregório* e um *Flos Sanctorum*.

Com esses microfimes dos *Diálogos* iniciei a minha dissertação de mestrado, sob orientação de Nelson Rossi. Escolhemos o *Livro 2* (dois) dos *Diálogos*, não só pelo tempo disponível para o mestrado (dois anos, já que éramos instrutores-bolsistas), mas também porque o *Livro 2* (dois) tinha uma unidade temática, a biografia de São Bento. O monge Gregório, que depois viria a ser Papa e Santo – Gregório I, o Magno – conta com

simplicidade e em forma de diálogos a vida do criador da Ordem de São Bento (O.S.B). A ordem beneditina, os monges negros, foi de tal significação que historiadores designaram São Bento de “o criador ou o pai da Europa”.

Em dezembro de 1964, entregava a minha dissertação, que seguia o modelo clássico das edições de textos medievais – uma introdução, a leitura crítica, o aparato crítico, em que comparei as três versões em português, e um glossário, à semelhança do glossário do *Livro das Aves*.

### **Continuando o meu percurso trecentista: em Brasília e em Portugal**

Em 1964 aconteceu, como sabemos, o golpe militar, para muitos, de triste memória. Alguns professores e instrutores da UnB deixaram a Universidade, por serem taxados de comunistas. O *campus* foi invadido e os pequenos apartamentos, também, à procura de armas e livros subversivos. De nosso apartamento levaram um espadachim toledano que era um marcador de livros. De nosso colega vizinho, professor de arte, levaram armas antigas, que ele colecionava e conseguira no interior de Goiás. Depois, a maioria dos professores voltou a seus lugares de origem, entre eles Nelson Rossi, que foi um dos presos, mas nunca pertenceu a partido político. Fiquei, quase, a ver navios, ou seja, o cerrado. Consegui, contudo, uma bolsa da Fundação Gulbenkian, com o dever de depois terminá-la em Portugal. Era excepcional a Gulbenkian dar bolsas a brasileiros no Brasil. A excepcionalidade por mim conseguida aconteceu por causa de duas cartas de apresentação, a de Nelson Rossi e a do professor George Agostinho da Silva, que criava na UnB o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses (CBEP).

Aproveitei os seis meses da bolsa para transcrever de fotos, tipo postal (que havíamos providenciado, Nelson Rossi e eu), o que estava nos microfimes. Obrigava-me a trabalhar, na minha tarefa, oito horas por dia. Voltei para Salvador, a fim de passar o natal com meus pais e a família.

No dia 11 de janeiro de 1965, partimos para Lisboa: eu, Pedro Agostinho, meu marido, e os filhos: Oriana, já com um ano e dez meses, e George Olavo. Pedro, com uma bolsa do Instituto de Alta Cultura (IAC), que não mais existe, para fazer uma pesquisa sobre embarcações populares do litoral português, e eu cumprindo a promessa feita à Gulbenkian, para continuar e concluir a edição dos *Quatro Livros dos Diálogos*. Pedro, sob a orientação do geógrafo e humanista Orlando Ribeiro, e eu, sob a orientação do filólogo, dialetólogo e linguista, Luís Filipe Lindley Cintra, ambos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

No meu primeiro encontro com o professor Cintra, levei o que tinha feito no Brasil. Ficou ele com meus materiais datilografados e marcou um novo encontro. A grande decepção! Refazer a edição, que estava boa, com novos critérios editoriais, mais modernizadores. Não chorei, porque não ficava bem (Ficar bem! Uma expressão bem portuguesa).

Enquanto avançava no refazimento da *leitura crítica*, assistia a quatro disciplinas que Cintra ministrava – *Introdução aos estudos linguísticos*, *Linguística Românica*, *Literatura Medieval* e *Seminários de discussão de dissertações de licenciatura em andamento*. As aulas do Professor Cintra eram de extrema clareza e simplicidade. Na primavera, tal como os antigos romanos, que saíam para aprisionar novos povos, Cintra reunia seus alunos para excursões dialetais, pela região de Trás-os-Montes e, no ano seguinte, na

região das Beiras (litoral, alta e baixa). Aprendia-se muito, não só dialetologia, mas história, arquitetura, enfim, cultura.

Como deveria refazer a edição, precisava de um espaço. O professor Cintra me concedeu uma sala no Centro de Estudos Filológicos (CEF), no antigo casarão da Avenida 5 de Outubro. O casarão era gelado; na companhia de meu casacão de inverno e uma máquina de datilografia portátil, comecei a trabalhar. Passava ali os dias inteiros, exceto os momentos em que ia assistir às aulas de Cintra. Comecei a conhecer outras pessoas, como Maria Helena Mira Matheus, que ainda era professora assistente, portanto, ainda não era diretora. Fizemos uma boa amizade, que perdura.

### **A Torre do Tombo e as minhas pequenas/grandes descobertas naquele soturno lugar**

Devia escrever a história dos manuscritos dos *Diálogos* em português. O manuscrito que identifiquei como **A** – base da minha edição crítica – é o que envolve mais mistérios e hipóteses quanto à origem e data. Para o filólogo José Joaquim Nunes (1925), “teria sido oriundo dalgum mosteiro ou casa religiosa do norte de Portugal. No início do século XX, foi adquirido, em Vila do Conde, por Jorge de Faria, bibliófilo português, que o depositou na Biblioteca Nacional de Lisboa. Nos meados do século XX, foi comprado por Serafim da Silva Neto, não se sabe a quem.

Os manuscritos **B** e **C** estão hoje e estavam na Biblioteca Nacional de Lisboa, que mudou de lugar, mas não mudou de nome.<sup>2</sup> A história mais simples é a do manuscrito **C**: é datado de 1416 e “foi copiado em Alcobaça” – isso se encontra no fim da versão **C**. A versão **B** é a que tem a ver com meu trabalho na Torre do Tombo. Apresenta na sua folha final o seguinte: “Este livro He de Ffernan Affonso priol de Sancta Maria de Arruda do arcebispado de Lisboa” e, em seguida, por outra mão: “E despoys ho vendeo a Frey Stevam d’aguair”, deo grās.

Quem foi Ffernan Affonso, prior de Santa Maria de Arruda? Levei alguns dias indo à Torre do Tombo. Esse arquivo, que hoje está modernizado, em belo e moderno edifício ao lado da Faculdade de Letras de Lisboa, então funcionava em um antigo convento, ao fim da calçada da Estrela. Naquele momento, a minha pesquisa se direcionava para “Ffernan Affonso” e para “Arruda”. Depois de muito escavar nos “ficheiros”, encontrei o que desejava: Ffernan Affonso, já em 1395, se dedicava a trabalhos intelectuais, pois traduzia então a *Regra de Santo Agostinho* e, em 1414, era ele o prior da Arruda. Biografia mínima, mas com o essencial: a versão **B** se situa entre os finais do século XIV e começos do XV.

Não era fácil ter acesso aos documentos da Torre do Tombo. Necessário era ter uma recomendação e documento de identificação, o que me parece normal. Normal não foi para mim a cena que presenciei: estava sentada em uma pequena sala de espera, no balcão um funcionário, quando sai uma senhora e o funcionário disse-lhe: “Bom dia!” E a senhora retrucou: “Onde já se viu cumprimentar uma senhora doutora sentado?!”. Fiquei boquiaberta!

Aqui estão resumidas a origem e a data das três versões em português.

---

2 Na verdade, atualmente Biblioteca Nacional de Portugal (nota da revisora).



## O que resultou para a edição o meu encontro com Maria Helena Mateus

Em 1968, Maria Helena e eu fazíamos edições críticas: ela sobre a *Vida e Feitos de Júlio César* e eu o que já foi dito. Teve, então, Maria Helena a ideia de irmos ao Centro de Cálculo Científico da Fundação Gulbenkian, para utilizarmos o maquinário que eles possuíam no referido Centro. Seria o objetivo um glossário por meios mecanográficos. E assim fizemos. Davam-nos umas fichas de papel para preenchermos: havia 40 campos para itens alfabéticos, 40 para o contexto e mais 15 outros em algarismos, com a codificação que pretendêssemos. Assim fiz: a cada semana, levava eu as fichas preenchidas. No Centro havia uma grande máquina que perfurava os cartões, para os quais fichas eram transferidas; havia uma máquina que transferia os cartões para o papel, em grandes folhas, e uma máquina seletora, que separava os cartões de acordo com a codificação. Tentei fazer nas fichas as variações entre os três manuscritos portugueses dos *Diálogos*, mas não deu certo. Deu certo o fato de ter os itens lexicais dos textos em ordem alfabética e separados por categoria lexical: nome – substantivo e adjetivo, verbos e adjetivos de verbos, ou seja, os advérbios em *-mente*. Dessa organização surgiu o quarto volume da minha futura tese de doutorado, intitulada *Índice Geral das palavras lexicais*.

Professor Cintra não se interessou por essa modernidade, escrevia à mão, em bela caligrafia. Maria Helena, ao contrário, era ligada no moderno. Anos depois, criou ela o Instituto de Linguística Teórica e Aplicada (ILTEC), com vistas à tradução simultânea das línguas da União Europeia. Maria Helena publicou sua tese em 1970, pela Gulbenkian e, aos poucos, fazia seu glossário, que era publicado no *Boletim de Filologia*, dirigido por Cintra. Posteriormente, em 2007, republicou em três volumes a sua edição com o glossário, também pela Gulbenkian. A minha tese continua inédita.

## O “*stemma codicum*” das versões dos *Diálogos*

Voltando ao Brasil, com a edição pronta, de acordo com os critérios de Cintra, faltava escrever uma *Introdução*, em que narrasse o processo da edição e outras coisas que me pareceram necessárias, entre elas o ‘*stemma codicum*’, ou seja, a relação entre os códices portugueses e em latim. A comparação ou ‘*collatio*’ entre os códices e com base no Aparato Crítico resultou em duas hipóteses sumarizadas nos seguintes “estemas”, que pressupõem a existência de outros códices.

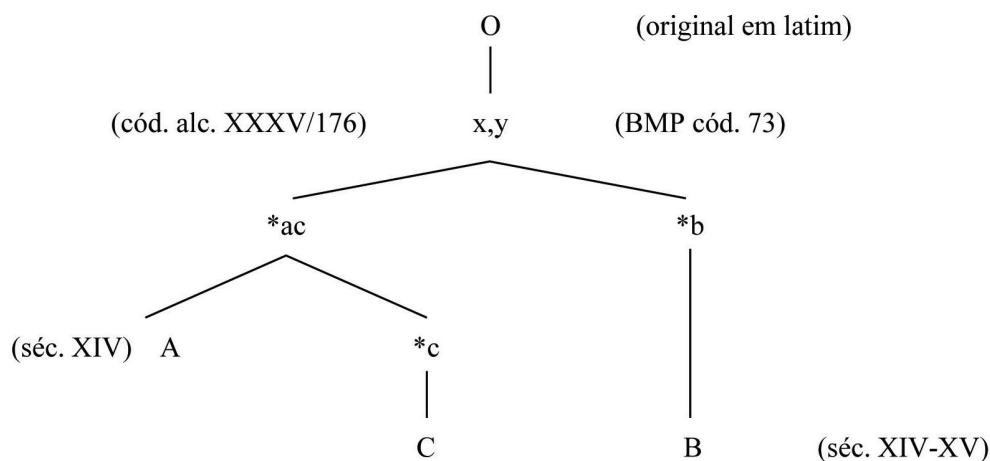
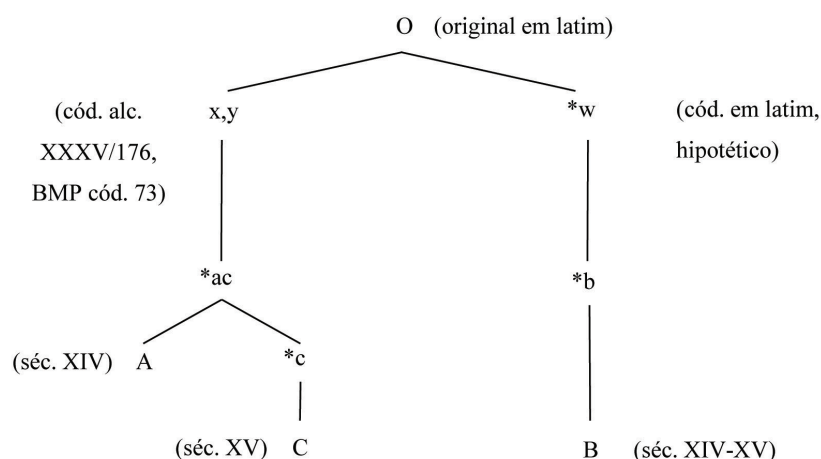


Figura 1: Hipótese 1, conforme Mattos e Silva (1971a, p. 41)



**Figura 2: Hipótese 2, conforme Mattos e Silva (1971, p. 41)**

A análise desenvolvida para chegarmos a essas alternativas está no capítulo 3 da *Introdução* à edição crítica já referida e não a repetirei aqui. O manuscrito A (ou Serafim da Silva Neto) datei por fatos linguísticos internos, por não haver fatores externos para datá-lo. Os indicadores ou fatos internos foram os seguintes:

1. A representação gráfica de vogais idênticas, postas em contacto pela síncope de uma consoante sonora intervocálica;
2. As grafias variantes das sequências -ïo / -ïa; -ïho, -ïha e -ïnho, -ïnha;
3. As grafias variantes dos ditongos -ou / -oi, provenientes, respectivamente, de au, al e de oct; ocs- e da intervenção do *yod*;
4. As grafias variantes das sequências provenientes de -one-, -anu-, -ane-, -udine-, -onu-, -ant, -unt;
5. A morfologia dos demonstrativos;
6. A morfologia dos possessivos;
7. A representação gráfica da 2ª pessoa do plural dos verbos (-des / -es);
8. A representação gráfica da vogal temática da 2ª conjugação no particípio passado: -u(do) / -i(do).

Confrontei a versão A dos *Diálogos*, com a C, datada de 1416 e com textos do último quarto do século XIV, como o *Orto do Esposo* (MALER, 1964), a *Vida de Barlaam e Josephat* (ABRAHAM, 1938), entre outros. O resultado desse confronto permitiu a conclusão, com bastante margem de certeza, de que a versão A dos *Diálogos* apresenta características linguísticas anteriores às do século XV. Com menor margem de segurança, propus que o documento referido (o manuscrito A) pode representar um estado linguístico próprio a documentos anteriores ao último quarto do século XIV.

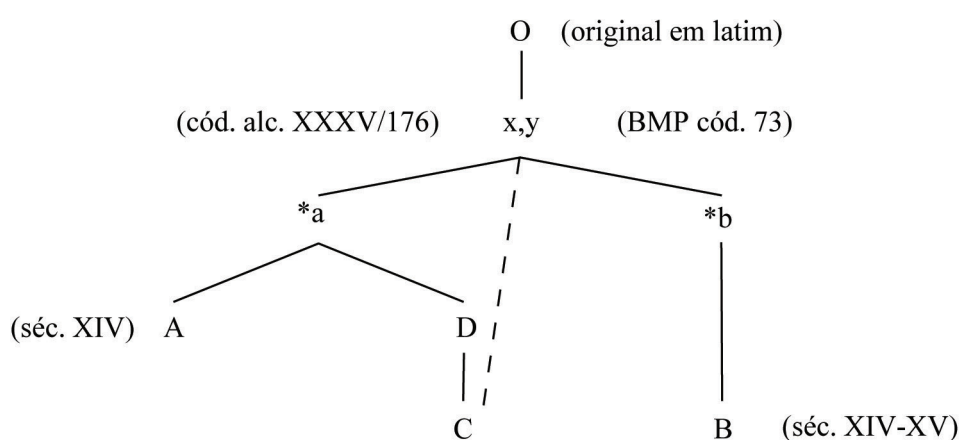
### Uma inesperada surpresa

Em 1991 me telefonou Arthur Askins, da Califórnia (Berkeley). Ele e sua equipe tinham encontrado, entre outros, no IAN-TT (não mais apenas Torre do Tombo), um outro manuscrito com os *Diálogos*. É essa equipe que vai encontrar o pergaminho Sharrer com

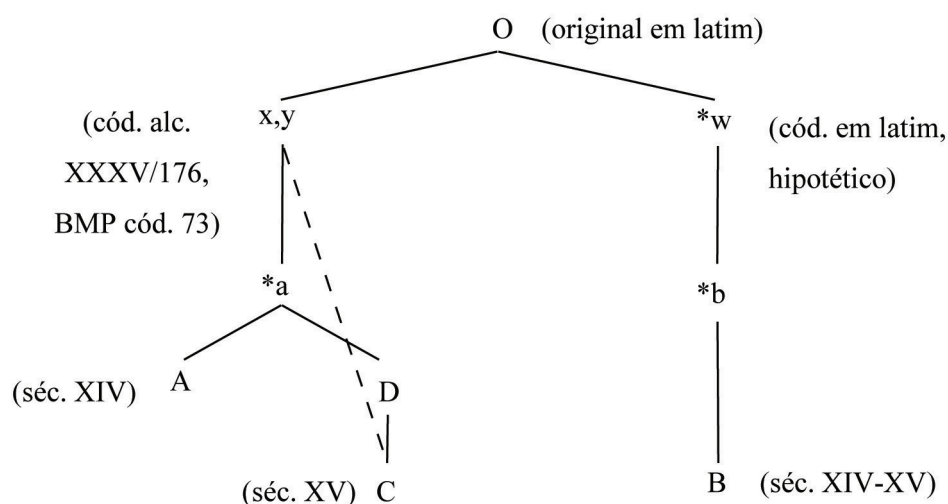
fragmentos do livro de cantigas de D. Dinis. Essa nova versão dos *Diálogos* está catalogada nos IAN-TT (Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo) e registrada como Manuscrito da Livraria – nº 522.

Esse manuscrito foi editado por Américo Venâncio Lopes Machado Filho em seu programa de pós-doutoramento na Universidade de Coimbra, em 2006, orientado pela doutora Clarinda Maia e publicado em 2008 pela EDUFBA. À página trinta de seu livro, diz Machado Filho:

com base nas avaliações empreendidas [...], poder-se-ia propor, porém, provisoriamente, as seguintes hipóteses de filiação para a tradição dos *Diálogos de São Gregório* em língua portuguesa sobre o *stemma* apresentado por Mattos e Silva em 1971 (2008, p. 29-30):



**Figura 3: Nova proposta hipotética 1 de filiação dos mss. conhecidos dos *Diálogos de São Gregório* (MACHADO FILHO, 2008, p. 29-30)**



**Figura 4: Nova proposta hipotética 2 de filiação dos mss. conhecidos dos *Diálogos de São Gregório* (MACHADO FILHO, 2008, p. 29-30)**

E conclui: “A proposta que aqui se apresenta é tão provisória quanto aquela apresentada em 1971” (2008, p. 30-31).



Das páginas 269 a 285 apresenta uma avaliação linguística e grafemática do códice que editou, com base em indicadores que não são os mesmos que utilizei, mas outros, e conclui: “Com base nesses dados, provavelmente um documento do período de transição, isto é, produzido no limiar temporal entre o final do século XIV e inícios do século XV” (2008, p. 285).

### **Uma dúvida que me atormenta(va)**

Retomando o passado, de 1961 a 1971, me dediquei ao *Livro das Aves* e aos *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*. Voltando a Salvador, dei aulas de Língua e Filologia Portuguesa e pesquisei no conhecido Projeto Nacional *Norma Urbana Culta* (NURC).

Do segundo semestre de 1979 ao fim de 1982, fiz o meu pós-doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do professor Celso Cunha. Propus e foi aceito o meu Projeto, que tratou de uma descrição linguística de um *corpus* do passado: a versão **A** dos *Diálogos*. Cumpriram-se, assim, doze anos e meio de dedicação à versão **A** dos *Diálogos*. Fiz um trabalho descritivo, com o que sabia de Linguística. A dúvida que me atormentava, hoje não mais, era se eu era filóloga ou linguista. Quando me fizeram essa pergunta, saí pela tangente: sou professora de língua portuguesa, o que sou de 1961 até os dias que correm. A pesquisa de pós-doutorado veio a ser publicada em 1989 pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda (IN-CM), intitulada *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*.

### **Considerações finais**

Quanto ao professor Lindley Cintra, só voltei a vê-lo em 1983 (não o via desde 1968), quando ele presidia o *Congresso sobre a língua portuguesa no mundo*. Foi depois do Congresso que me levou ao presidente do IN-CM, apresentou-me e apresentou as sacolas em que estavam a edição dos *Diálogos* e as *Estruturas*. As estruturas foram publicadas, a edição continua inédita.

As cerca de 200 folhas pergaminháceas que Serafim da Silva Neto trouxe para o Brasil tiveram um curioso destino: foram editadas por brasileiros/baianos e publicadas no Brasil:

- O *Livro das Aves*, edição crítica e glossário, publicado em 1965 pelo Instituto Nacional do Livro (INL).
- Dos *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*, a versão **A** (manuscrito Serafim da Silva Neto) está inédita, tendo contudo aparecido a versão **D** (o manuscrito da livraria, cod. 522), editada por Machado Filho e publicada em 2008 pela editora da UFBA.
- Compunham essas 200 folhas de pergaminho ainda um *Flos Sanctorum* trecentista, em português, editado também por Machado Filho, parte de sua tese de doutorado, por mim orientada. Posteriormente, em 2009, foi publicada a edição interpretativa pela editora da UnB.

Assim sendo, estão em letra de forma e papel, o que estava em pergaminho e no regular gótico francês. Uma boa descrição do *Flos Sanctorum* e que, a meu ver, vale para as “200 folhas pergaminháceas”, está às páginas 27-28 de Machado Filho (2009).

Passadas duas décadas do meu início com textos medievais, criou-se um grupo de pesquisa que veio a se chamar PROHPOR (Programa para a história da língua portuguesa), que hoje possui 53 membros, entre professores, pesquisadores e bolsistas de iniciação científica (IC).

Os jovens que se integram ao Prohpor iniciam-se na pesquisa, com amor, paixão, rigor e paciência. Para fechar, diria como escreveram alguns copistas do medievo: LAVS DEO!

## REFERÊNCIAS

ABRAHAM, R. *A portuguese version of the life or Barlaam e Josaphaf*. Paleographical edition and linguistic study. Philadelphia: University of Pennsylvania 1938.

AVALLE, S. Norme pratiche per la trascrizione dei manoscritti letterari centro-meridionali dei primi secoli. Torino: Litografia artigiana, 1972.

CUNHA, C. F. da. *Sob a pele das palavras*: dispersos. Organizado por Cilene da Cunha Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. p. 67-98.

GONÇALVES, E. *Cancioneiros dos trovadores do mar*. Lisboa: IN-CM, 1999.

MACHADO FILHO, A.V. L. *Diálogos de São Gregório*: edição e estudo de um manuscrito medieval português. Salvador: Edufba, 2008.

\_\_\_\_\_. *Um flos sanctorum trecentista em português*: edição interpretativa. Brasília: Editora da UnB, 2009.

MALER, B. *Orto do Esposo*. Edição e glossário. Stockolm: Almqvist & Wirsell, 1964.

MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas Trecentistas*: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: IN-CM, 1989.

\_\_\_\_\_. *A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*. Edição crítica com Introdução e Índice geral das palavras lexicais. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971. 4 vs. (mimeografada).

MATTOS E SILVA, R. V.; MIGNE, J. P. *Patrologia Latina*, Paris, v. 177, cols. 13-56, 1854.

NUNES, J. J. Textos antigos portugueses. *Revista Lusitana*, Lisboa, n. 25, v. 1-4, p. 231-250, 1925.

ROSSI, N. et alii. *Livro das aves*. Edição crítica. Rio de Janeiro: I.N.L., 1965.

SILVA NETO, S. da. *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.